

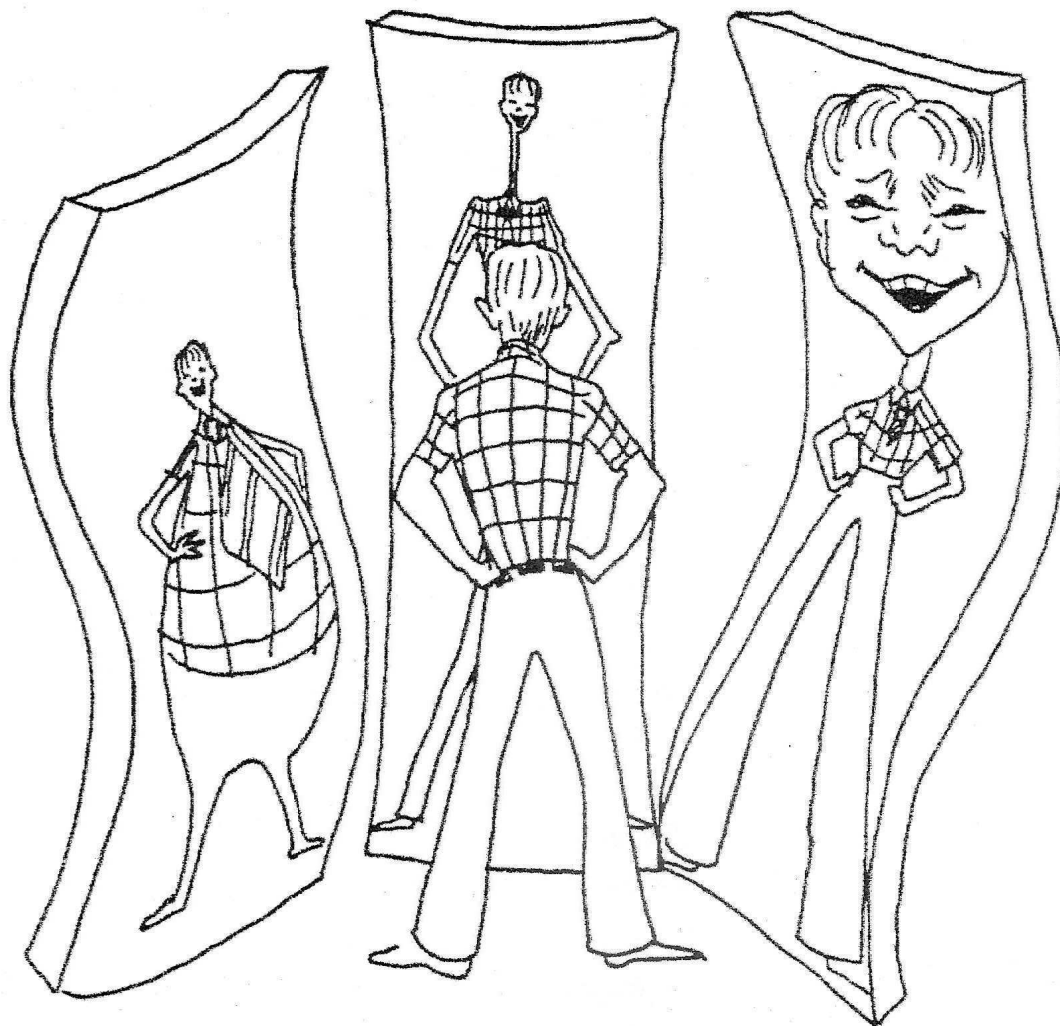
Golfinho

Informativo de PNL - Neurolingüística

ANO 8 Edição 1 nº 85

Março/2002

Qual deles sou eu?



Com minhas inúmeras e variadas faces, sou único.

Do livro: Encontre o Milagre em Você – Virginia Satir – Ed. Gente

Nesta edição		
1	Metáfora: A dieta de Sadhu	pág. 2
2	Artigo: PNL e Educação II	pág. 3
3	Revisão de livro: Como ser um grande líder político e Percepção Absoluta	pág. 7
4	Agenda: Março, Abril, Julho	pág. 8

A dieta do Sadhu

Há muito tempo atrás, havia um *Sadhu* que morava nas profundezas da floresta, vivendo de raízes e frutinhas, com a mente fixa na meditação. Os pássaros e outros animais da floresta eram seus amigos, e qualquer um que passasse uma hora em sua presença experimentava uma sensação de profunda paz.

Com o passar do tempo, as notícias se espalharam a respeito desse *Sadhu* que transmitia paz e, mesmo o Rei daquele país, lá longe em seu palácio, veio para visitá-lo e ouvi-lo. Chegou à floresta com presentes e saudações respeitadas, e também foi abençoado pela experiência de uma serenidade inexpressável. A paz é o que os reis mais sentem falta e desejam. O Rei veio outra vez e mais outra vez visitar o *Sadhu*. E, na terceira visita, pediu ao ermitão para vir morar com ele no palácio real. A princípio, o *Sadhu* recusou. Mas depois de insistentes súplicas, concordou com o Rei e acompanhou-o à cidade, onde foi recebido com grande respeito por todos. Foi-lhe dado um quarto perto do Rei, e o próprio Rei e a Rainha cuidavam dele, para se assegurarem de que todos os seus desejos fossem satisfeitos.

Depois de ter vivido assim no palácio por vários meses, aconteceu que, um dia, quando a Rainha foi se banhar, tirou do pescoço um de seus magníficos colares de diamantes, colocou-o de lado, esquecendo-se dele completamente quando deixou a casa de banho.

A pessoa que entrou a seguir foi o *Sadhu*. Ele viu o maravilhoso colar jogado lá, colocou-o dentro do casaco e foi embora do palácio sem falar com ninguém.

Passado algum tempo, a Rainha sentiu falta do colar e lembrou-se de onde o tinha deixado. Mandou uma criada procurá-lo, mas nada foi encontrado. Investigações logo revelaram que a única pessoa que havia estado na casa de banho depois da Rainha tinha sido o *Sadhu* — e que ele não estava mais no palácio. A Rainha ficou muito perturbada e insistiu para que o Rei mandasse seus soldados pegarem o ladrão. Porém o Rei disse

— Querida senhora, ainda me lembro da maravilhosa experiência de paz que tive na presença do nosso querido *Sadhuji*. Estou convencido de que é um homem genuinamente santo. Se ele tirou o colar, deve ter tido boas razões para isso. Sem dúvida, era um belo colar e muito valioso, mas você tem outros. Acalme-se e vamos ver o que vai acontecer.

Uns poucos dias mais tarde, o *Sadhu* retornou, pedindo uma audiência ao Rei e devolveu o colar, com muitas desculpas abjetas. O Rei ficou atônito;

— querido *Sadhu* — perguntou, — sabendo que lhe daríamos alegremente tudo o que desejasse, por que se apossou do colar? E depois de roubá-lo, por que vem devolvê-lo de modo tão servil? Por favor, faça-me entender o ensinamento que quer nos transmitir por essas estranhas ações.

— Oh, Rei, — replicou o *Sadhu*, — o senhor tem sido muito bom para mim. As explicações são muito simples. Durante vários meses vivi aqui em seu palácio, alimentado-me com sua comida. Desse modo, as impurezas do mundo entraram em mim e caí na inconsciência da ambição e da ingratidão. Após deixar o palácio, fui para a floresta e a primeira coisa que comi foi uma certa fruta que tem propriedades purgativas. No passado, ela não costumava me afetar, mas desta vez meu corpo todo passou por uma poderosa purificação. Quando voltei a mim, avaliei o que tinha feito e resolvi voltar ao palácio tão rápido quanto minha condição enfraquecida permitia. Isso tudo. O senhor mostrou-se generoso em seus pensamentos e em suas ações. Na sua generosidade, permita-me agora retornar ao meu próprio lugar e à minha dieta.

Do Livro: Fábulas e lendas da Índia – Editora Shakti

PNL E EDUCAÇÃO: PARTE 2

A Influência das Crenças dos Professores

por Judith Lloyd Yero.

“O que os professores pensam, o que crêem, e o que fazem em sala de aula é que realmente forma a espécie de aprendizado que os jovens adquirem.”

... Andy Hargreaves e Michael Fullan.

Apesar de afirmações como essa, de pesquisadores educacionais, muito pouca atenção é dedicada ao que os professores pensam ou crêem, enquanto eles não começam a fazer ou dizer coisas que estão muito distantes da “norma” – a “sabedoria” convencional da educação. De fato, muito do que os professores acreditam sobre a “escola” vem de suas próprias experiências como estudantes. Durante os 16 ou mais anos de escola, eles formaram crenças sobre si próprios e suas capacidades, sobre a natureza do conhecimento, e sobre como o conhecimento é adquirido ou “aprendido”. Essas crenças geralmente são inconscientes. Por serem tão habituais, elas são raramente questionadas – mesmo quando a pesquisa demonstra que são falhas. Mas sua influência não é menos poderosa sobre as escolhas que os professores fazem, seus comportamentos, e a atmosfera de suas salas de aula.

Duas das crenças mais fortes compartilhadas por muitos sobre a educação são: o conhecimento é objetivo (ele existe em alguma forma pura, fora da mente); e a tarefa da educação é transmitir essas informações para todas as gerações. Pela simples razão de que os educadores cresceram nesse sistema de crenças, eles efetivamente ignoram ou racionalizam uma enorme quantidade de evidência científica sobre o conhecimento gerado internamente e a ineficácia da “transmissão” no processo ensino/aprendizado.

A criancinha brincando de “professora” alinha suas bonecas em fila e fica em pé na frente de sua “classe”, falando e admoestando seus alunos para “prestarem atenção”. Nessa tenra idade, ela já tem uma sensação forte sobre o que a escola “deve ser”. Não é novidade que, quando ela crescer e tornar-se professora, não lhe ocorra nenhuma idéia de lecionar de outra maneira. É desta forma que as crenças sobre a educação passam de geração em geração, mesmo quando a pesquisa demonstra as falhas dessa crença!

Crenças e a Mente Educacional

Examinemos brevemente algumas das maneiras como as crenças do professor influenciam a educação. Considere as seguintes afirmações:

- O aluno deve aprender os pontos básicos de um assunto antes de abordar problemas mais complexos.
- Uma sala de aula silenciosa conduz ao aprendizado.
- As notas motivam os alunos a estudarem mais.
- Em geral, os conceitos mais importantes são os que aparecem nos guias dos programas escolares.
- A capacidade do estudante é mais fixa do que variável.

Muitos professores concordariam com essa lista. No entanto, cada uma dessas afirmações é de uma crença, não de um fato. Cada afirmação é uma generalização. Embora haja alguns contextos em que as afirmações são verdadeiras, existem muitos outros em que elas não são. Esta é a razão pela qual crenças como essas são tão perigosas. Porque elas são tomadas como um fato – presumidas como “verdadeiras” em algum sentido absoluto – elas agem como guias inflexíveis para as escolhas comportamentais. Por isso, vemos os seguintes comportamentos:

- Os guias dos programas geralmente começam com os “fundamentos” de um assunto. Os “problemas reais” não podem ser discutidos antes que “as bases” tenham sido aprendidas – embora não tenha sido estabelecida qualquer razão para aprender essas “bases”.
- Os administradores geralmente julgam a qualidade do aprendizado pelo silêncio existente na sala de aula do professor. Mas, como disse um professor, existe uma coisa chamada “barulho do aprendizado”.
- Muitos professores deduzem pontos pelo mau comportamento e atribuem pontos pela participação (ler – fazer o que o professor quer). Mesmo quando isso não muda o comportamento dos estudantes, não se dedica qualquer reflexão sobre a suposição básica sobre as notas.

- Os conceitos relacionados no programa tornam-se a razão de ser da educação. As perguntas dos alunos que não dizem respeito à lição do dia são desencorajadas, e os estudantes são, muitas vezes, repreendidos por “sair do assunto”.
- Muitos professores têm baixas expectativas a respeito de estudantes que receberam notas baixas ou que vêm de certos grupos raciais, étnicos ou demográficos.

Professores Reais em Salas de Aula Reais

Antes que você pense que estou exagerando, aqui vão algumas citações de professores envolvidos em diversos estudos sobre o pensamento e comportamento dos professores. Os professores no primeiro estudo foram solicitados a incorporar eventos atuais em seu programa de ciências. Apesar da concordância de que essa era uma boa maneira de fazer com que os estudantes se interessassem pela matéria, as respostas dos professores demonstraram as crenças e valores inconscientes que, em última análise, impulsionam seu comportamento.

Quando perguntados sobre o uso dos problemas de erosão no litoral como foco para o ensino, Chris respondeu:

Naturalmente, eu prefiro seguir o guia do programa estadual. Essa é a prioridade um. Eu sempre ensino isso primeiro... É muito importante ensinar o programa... porque é por isso que sou responsável, e o programa identifica o que sou responsável por ensinar. Pelo menos expô-los a isso, mesmo que não aprendam. Eu preciso expô-los a isso... [a ênfase é minha.]

Claramente, Chris acredita que a educação tem a ver com o que o professor faz, mais do que com o que o aluno aprende. Enquanto Chris “expunha” os estudantes ao conteúdo do programa, ele acreditava que estava fazendo seu trabalho “mesmo que eles não aprendessem!” Ele aparentemente reconhece que nem sempre as pessoas “captam” aquilo a que são “expostas”.

Molly foi ainda mais direta sobre suas razões para não ensinar os eventos correntes.

Bem, a principal razão pela qual ensino qualquer coisa em minha sala de aula hoje em dia é o teste do final do curso no programa do estado... Antes de tudo, nenhum desses (eventos) entram em meu programa do estado.

Como poderiam? Eles ainda não haviam acontecido quando o programa do estado foi escrito! Muitas vezes, os eventos correntes dizem respeito a várias disciplinas. Devido ao fato de que os guias de programa organizam o conhecimento em caixas prontas, os professores não estão acostumados a ensinar o que está “fora da caixa”.

Ben disse que não estava disposto a discutir a colisão do cometa Shoemaker-Levy com Júpiter – um evento que deveria acontecer dentro de alguns dias.

Bem ... eles ensinam o sistema solar na sexta série e... e eu estou na sétima série... portanto eu teria que estudar o assunto. Quando pressionado, Ben disse que não estava disposto a incluir isso como discussão “porque eles já ensinaram isso”... não é parte do programa da sétima série... é conhecimento geral que eles já devem ter ...

Como os estudantes poderiam “já ter” conhecimento de algo que ainda não ocorreu? A afirmação de Ben demonstra sua crença de que o conhecimento é algo para “ter”, ao invés de “usar”.

Os pesquisadores deste estudo concluíram que os professores participantes acreditavam que a ciência era uma longa lista de conceitos verificados cientificamente, ligados em alguma ordem racional e confirmados por alguma fonte externa. Além disso, eles acreditavam que “ensinar” envolvia transmitir essas listas. Alguns dos professores do estudo estavam inflexíveis em não permitir que as perguntas dos alunos forçassem a classe “a sair do assunto.” Devido à sua forte crença na primazia do “programa”, esses professores estavam muito longe de usar as perguntas dos estudantes como plataforma de lançamento para um ensino baseado na inquirição.

Um outro estudo focalizou o pensamento dos professores no início do ano. Lembre-se de que essas afirmações foram feitas antes desses professores se encontrarem com seus alunos pela primeira vez. Suas conclusões estavam baseadas somente em cartões preenchidos pelos professores anteriores dos estudantes e antes das notas do teste.

220.000
ACessos

Inicial
Golfinho
Cursos
Artigos
Livros
Institutos
Profissionais
"CD's e K7's"
Metáforas
Novidades
Impressão
Diversos
Links
Divulgação
Dicas
Forum
"Pesquisar"
e News
Contatos

Obrigado!
Volte sempre.

Golfinho
Informativo de PNL

<http://www.pnlbrasil.com.br> <http://www.golfinho.com.br> <http://www.pnl-golfinho.com.br>

Bem-vindo ao portal da PNL no Brasil (Programação NeuroLingüística)

Envie o endereço deste site para um amigo!

Pensamento do dia
Metáfora de semana 12/05/2001
Artigo do mês 21/05/2001
Agenda de Cursos 22/05/2001

PRIMEIRO VISITADO

Para iniciar o novo milênio, o Desafio Mental de 10 dias em word, para download.

Um novo site que você vai gostar de conhecer: www.metas.com.br
Veja estatísticas de acesso ao site desde 5/5/96 em 12/05/2001

web design

Instituto Latino-Americano de PNL
Sociedade Brasileira de PNL
NOVOS CURSOS
HIPNOTERAPIA
Metaprocessos Avançados

Inicial PNL
"Metas"
Comunicação
"MURAL"
"Saúde"
"Chat"
Esportes
Fotoleitura
DLA
"Links"
"Pesquisar"
"Glossários"
Sensualidade
Ensino
Educação
Liderança
Linguagem
Negociação
Relacionamento
Vendas
Hipnose
Fobias

Envie o endereço deste site para um amigo!

METAS & OBJETIVOS
Pensamento do dia

ESPORTES VENDAS

NEGOCIAÇÃO LIDERANÇA SAÚDE

SENSUALIDADE PNL LINGUAGEM EDUCAÇÃO

HIPNOSE MURAL NEW RELACIONAMENTOS

ENSINO COMUNICAÇÃO DEPRESSÃO FÓBIAS

DRÓGAS TIMPEZ METÁFORAS SEDUÇÃO

LINKS

XVII International NLP
Golfinho
Metáforas

Inicial Pesquisa Lista Crianças Livros Educação Literatura

Bem-vindo ao Mundo das Metáforas

Pesquisa por palavra-chave (abaixo)
Lista de metáforas 13/5/2001
Metáforas para crianças 13/05/2001
Metáfora da Semana

Livros de Metáforas

Mudanças com Metáforas, na Educação

Metáfora na Literatura

Comentários, sugestões e colaborações enviar para metas@golfinho.com.br

Veja estatísticas de acesso ao site 12/05/2001

web design

R&R CRIANÇA
Inteligência Emocional
Golfinho
METAS & OBJETIVOS

Eu separei os maus alunos dos bons, de alguns que eram apenas de boa índole, se gostam de trabalhar, esse tipo de coisa... Eu sempre quis ter meus olhos atentos aos problemas, eu acho que isso é natural.

E

Kim Wong é um bom aluno. Ele tirou 89 naquele teste. E tem uma boa base. Seu pai é cientista, e sua mãe faz softwares para computador. Por outro lado, o outro extremo é a tal de Sue Gallegos. ... Eu acho que ela tirou 22 no teste; ela foi a última na lista de notas. Ela vai ser um problema real...

Esses professores estavam prejudgando seus alunos antes de conhecê-los, com base nas percepções de outros e nas suas próprias, muitas vezes inconscientes, tendências sobre raça, sexo ou demografia! Os resultados de tais práticas são devastadores em relação aos estudantes. Uma vez que o estudante tenha sido "classificado", uma vez que tenha sido rotulado de "bom" ou "mau" na mente do professor, as crenças e expectativas desse professor sobre esse estudante se tornam uma profecia auto-realizante. O professor fica severamente limitado às percepções que apoiam seus preconceitos.

Felizmente, existem professores que escolhem ignorar o que outros professores dizem sobre cada estudante, com altas expectativas. A sua crença produz aprendizado efetivo. Contudo, enquanto os pesquisadores tentam compreender o que constitui "ensino de qualidade", muitos desses esforços focalizam-se em comportamentos externos mais do que no pensamento do professor. O objetivo é ser capaz de "ensinar" esses comportamentos a professores-menos-eficientes – sem compreender que as crenças dos professores menos eficientes não permitirão que muitos desses comportamentos ocorram.

Até que as crenças, valores e pressuposições inconscientes dos professores individuais sejam reconhecidas por sua influência, e expostas a exame, é improvável que os esforços de reforma aconteçam. Os professores minam muitos desses esforços de reforma, não consciente, mas inconscientemente. Embora suas mentes conscientes vejam lógica na reforma, existem crenças subjacentes que empurram de volta aos padrões tradicionais de comportamento.

Componentes de Crenças e Comportamentos dos Professores.

As crenças podem ser pensadas como tendo três componentes. Aqui está um dos muitos enredos que podem cercar uma determinada crença.

- *Cognitivo*: Um professor diz com convicção que é importante para os alunos tirarem boas notas. O professor pode prover diversos argumentos cognitivos para apoiar sua crença, como a ênfase forte de que a política de admissão na faculdade baseia-se nas notas.
- *Afetivo*: Quando as notas de um aluno baixam, o professor sente uma urgência de fazer algo a respeito. Note a diferença entre esse sentimento e o exercício mais intelectual de explicar ao estudante porque é importante estudar mais. O gatilho para esse componente afetivo provém do objetivo, necessidade ou valor que a crença suporta. Um professor pode interpretar as notas mais baixas em termos pessoais – ela não está fazendo seu dever. Outro professor pode preocupar-se com o estudante. Qualquer tipo de motivação engatilha uma resposta *emocional* ou *afetiva*.
- *Comportamental*: O que *significa* quando um estudante tira notas baixas? Que razões um professor pode atribuir àquele comportamento da parte do aluno? Uma resposta do professor – comportamento – vai depender das respostas a essas perguntas. A tabela mostra alguns dos significados possíveis que um professor pode atribuir a notas baixas e uma maneira possível de o professor pode reagir a esse significado.

“Significado” do mau desempenho do aluno.	Comportamento do Professor
O aluno é preguiçoso	Tenta motivar o aluno
O aluno está com algum problema	Pergunta ao aluno se ele precisa de auxílio
O aluno está muito cansado com os trabalhos extra-classe	Discute a situação com os pais/estudante
Eu não fiz um bom trabalho de ensino (ameaça ao conceito de si mesmo)	Reduz a ameaça a si próprio, muitas vezes culpando o estudante
Eu não fiz um bom trabalho de ensino (preocupação com o estudante)	Encontra uma maneira diferente de apresentar o material àquele estudante

Embora os *significados* quatro e cinco sejam iguais, geram comportamentos diferentes, dependendo de se o professor está focalizado em si próprio ou no estudante. Note que os significados também são crenças. Eu uso esse termo meramente para distingui-los da crença original de que é importante para os alunos alcançarem boas notas.

O que é assustador é que este é apenas um pequeno exemplo de como uma crença pode agir em termos de escolhas comportamentais do professor. Não faz sentido mudar o foco da reforma – pelo menos em parte – dos comportamentos externos aos processos interno?

Como a PNL pode ajudar

Todos têm crenças. Nas palavras de James Lawley, “as crenças dão consistência às nossas vidas. Imagine levantar-se de manhã acreditando em algo novo – se você não ficar louco, enlouquecerá outros.”

As crenças, como tal, não são o problema. Elas são ilusões úteis, capacitando-nos a administrar a experiência... O problema é nossa relação com elas. Acreditar em algo é soprar vida nisso. Se sabemos em que acreditamos sabemos o que fortalecemos. No entanto, se não escolhemos nossas crenças – se, através de nosso fracasso em questionar elas nos escolhem – ficamos sem saber qual é o impacto de nossas pressuposições... Se escolhemos acreditar em algo, também podemos abandoná-lo quando chegar a hora.

É muito importante que os professores saibam quais são as idéias que estão reforçando. Suas crenças e valores baseiam suas escolhas e comportamentos e, portanto, a experiência dos jovens. Seria impossível para um professor evitar agir sobre e, de fato, ensinar essas crenças e valores, seja clara ou obscuramente. O “conteúdo” dos livros-texto é cuidadosamente avaliado antes que eles sejam dados aos estudantes, mas o “conteúdo” dos processos de pensamento professor, que têm muito mais influência na sala de aula, permanece sem exame.

Não estou sugerindo, como o fez um pesquisador educacional, que os professores sejam “ensinados” a corrigir suas crenças. Não sei onde essa pessoa encontrou tais pérolas de sabedoria. Posso apenas presumir que as “crenças corretas” seriam aquelas encontradas em sua própria visão de mundo. O que estou sugerindo é um impulso maior para encorajar os professores a explorarem seus próprios processos de pensamento. Muitos practitioners e trainers da PNL são especialmente qualificados para tomar parte em tal movimento.

As pessoas treinadas em PNL estão cientes da diferença entre crenças e fatos. Elas estão familiarizadas com as generalizações, deleções, e outros hábitos de pensamento que os seres humanos freqüentemente usam em nome do cognitivo. E elas possuem um bom número de técnicas eficazes, que ajudam as pessoas a identificar e examinar seus processos de pensamento, para não mencionar a mudança desses processos, que ocorrem com notável facilidade às vezes, se assim elas quiserem. Como sugeri no primeiro artigo desta série, os mesmos esforços que as organizações de PNL colocam no treinamento e aplicações para a saúde física e mental, bem como nos negócios, são altamente necessárias na educação.

Lidando com o futuro de nossas crianças, eu concordo com H. A. Hodges, que disse: “A crença é um ato moral pelo qual o crente deve ser responsável.” Mas enquanto os professores não forem auxiliados para compreender a diferença entre fatos e crenças, enquanto eles não reconhecerem como suas crenças e aquelas da instituição educacional influenciam seus comportamentos e as vidas de seus estudantes, e enquanto eles não aceitarem a responsabilidade da qual fala Hodges, o ensino permanecerá muito habitual e descuidado. Embora jamais seja possível identificar as “crenças corretas” que os professores deveriam ter, existem agora ferramentas para identificar aquelas que são prejudiciais ao aprendizado. Eu gostaria de estimular aqueles de vocês que possuem essas ferramentas a disponibilizá-las à comunidade educacional.

Judith Lloyd Yero possui mais de vinte anos de experiência como professora e administradora, e é Master Practitioner e Trainer de PNL. Ela tem oferecido seminários nacionais para professores e contribuiu como autora de livro e consultora educacional. Seu livro, *Teaching in Mind: How Teacher Thinking Shapes Education* será lançado em Novembro. Judith pode ser contatada em eagle@mind-flight.com. Maiores informações sobre seu livro estão disponíveis em <http://www.mind-flight.com>.

Trad. Hélia Cadore – e-mail: lcadore@uol.com.br

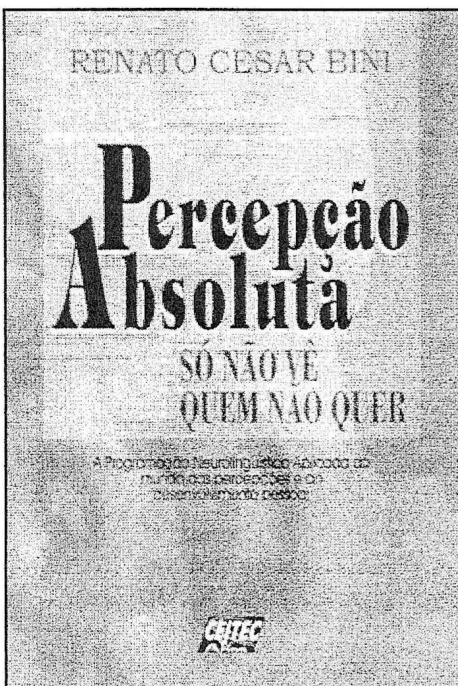
Publicado na Anchor Point de Set/2001 www.nlpanchorpoint.com

COMO SER UM GRANDE LÍDER POLÍTICO: PERCEPÇÃO ABSOLUTA

João Nicolau Carvalho*

Renato César Bini, lançou mais dois livros de PNL: **COMO SER UM GRANDE LÍDER-POLÍTICO** e **PERCEPÇÃO ABSOLUTA**, ambos pela editora CEITEC, de Curitiba. O anterior, **ROMPENDO LIMITES**, apresentando técnicas simples de PNL, já enunciava a estratégia do autor de escrever outras obras de abordagens mais específicas. Bini é músico, violonista clássico e compositor. Há vários anos trabalha na área de Psicologia Aplicada, com destaque no campo do desenvolvimento pessoal e empresarial. Fez cursos com Anthony Robbins e é patente a influência do especialista americano nos textos de Bini., na forma e no conteúdo. Os dois livros, ora examinados, são de leitura fácil e agradável, embora ambos pequem pela ausência de uma bibliografia, que permitiria um eventual aprofundamento por parte do leitor.

Em **Como Ser um Grande Líder-Político**, Renato César Bini presta , à liderança política e aos brasileiros em geral, um grande serviço: mostra como a Programação Neurolingüística é um excelente instrumento para gerar “rapport” entre líder e liderado. Ensina, tanto ao político, quanto ao eleitor, as técnicas que permitem abordar, com criatividade, os desafios que enfrenta um candidato à líder, que Bini denomina e escreve *líder-político*, e por conseqüência, ao eleitor, a capacidade de fazer uma leitura inteligente do “mapa”, apresentado pelo candidato. Espargindo no texto exemplos , crenças, valores e comportamentos de Abraham Lincoln, John Kennedy, Zoroastro, Platão, Napoleão, e tantos outros, o autor vai demonstrando a importância da modelagem, e dos procedimentos *afirmativos* de que se exigem de uma liderança coerente. Uma obra congruente, de leitura e vivências fáceis de serem assimiladas, bastante útil, principalmente agora que um novo embate político se avizinha em todo o país.



Já **Percepção Absoluta**, obra mais recente, apresenta um conteúdo mais genérico, enfatiza a PNL como um ótimo instrumento para gerar mudanças, mexendo em bloqueios, que o autor explicita como “indolência”, “medo” e “hábito”, destacando a importância perigosa do último. Lembra Bini, abrigando-se em outros autores de PNL, que “*uma pequena mudança na atitude fará uma grande diferença no comportamento e nos objetivos*”. A frase, praticamente, sintetiza o objetivo de Renato César Bini ao escrever o livro. Que é, aliás, ilustrado adequadamente, desafiando a percepção do leitor, apresenta alguns gráficos, que facilitam a compreensão, e o estilo é agradável, sem os *cacoetes* que tornam alguns livros de PNL de acesso complicado. Um texto com bastante exercícios, que permitirá, principalmente ao *não-iniciado* em PNL, aprender e vivenciar ferramentas úteis geradas por Bandler, Grinder e tantos outros.

*Professor Universitário, Trainer em PNL (E-mail: jncpnl@terra.com.br)

AGENDA DE CURSOS WORKSHOPS E EVENTOS**MARÇO 2002**

INAP - Instituto de Neurolingüística Aplicada - Dr. Jairo e Helen Mancilha

Practitioner INÍCIO: 12 de Março de 2002

Hipnose Ericksoniana e Auto-hipnose INÍCIO: 13 de Março de 2002

Informações: (0**21) 2551-1032 ou e-mail: pnl@pnl.med.br

Sabbi Institute Desenvolvimento Humano - Porto Alegre

Formação em Neurolingüística - 16 e 17 de março (módulo 1) Practitioner

7 módulos - 1 fim de semana por mês - Master no 2º semestre

Fone/fax (0**51) 3311-0970 e-mail: deroni@sabbi.com.br

PoteNcial Instituto de Programação Neurolingüística - Belo Horizonte - MG

Cursos de Practitioner e Master Practitioner em PNL, de março a junho de 2002 com Gilson de Paula Pacheco

Informações: Telefone (0xx31) 3222-3267, e-mail potencial-pnl@uol.com.br

Centro de Desenvolvimento Pessoal - Leocliedes Marcon - Porto Alegre

Dicção, Oratória e Desinibição - Turmas Manhã, Noite e Final de Semana - Mar/2002

Informações: Fone: (0**51) 3311-2539 / Fax: (0**51) 3312-2699

e-mail: cdp@leocliedesmarcon.com.br

ABRIL 2002

Instituto de Desenvolvimento Humano - Marta Echenique – P. Alegre - **Practitioner de PNL**

Às 5ª feiras, das 19 às 22 horas início dia 11/04/2002

Inscrições : IDH – Av. Itaqui, 174 - Porto Alegre Fone –(51) 33 32 85 25 (com Graça)

Instituto Milton H. Erickson Brasil Sul - Porto Alegre-RS

V Curso de Formação de Hipnoterapeutas Início 06/04/2002

Coordenador: Dr. Ricardo Feix

Fones: (51) 3330.2236 e 9116-2518 Fone (fax): (051) 3332-2919 E-mail: marliaveloso@terra.com.br

Centro de Desenvolvimento Pessoal - Leocliedes Marcon - Porto Alegre

Poder Pessoal - Turmas Manhã, Noite e Final de Semana - Abril/2002

Informações: Fone: (0**51) 3311-2539 / Fax: (0**51) 3312-2699

e-mail: cdp@leocliedesmarcon.com.br

JULHO 2002

INEXH. Instituto Nacional de Excelencia Humana - Sao José dos Campos-SP

PRACTITIONER De 14 a 21 de julho de 2002.

Informações: 0**12-39433599, e-mail: inexh@inexh.com.br



Envie sua colaboração para as diversas seções para:

"GOLFINHO" - Diretora: M. Helena Lorentz

Tel/fax (051) 3330-2005**



**Rua Cel. Aurélio Bittencourt, 110/101
90430-080 PORTO ALEGRE-RS - BRASIL**

**E-mail: golfinho@golfinho.com.br
INTERNET: <http://www.golfinho.com.br>**

ENTRE EM CONTATO CONOSCO

Divulgue seus cursos, aqui e na Internet